

As águas violentas na Poesia Mensagem de Fernando Pessoa: a tensão provocativa dos mares violentos em duelo com o vazio da alma humana

letrônica

Gilberto Collares Chaves *

O Mar, o marujo, a maresia, a embarcação, a bússola, a âncora; as sereias, as ninfas, as ondas, a espuma. A areia, a concha, os peixes. O infinito, o maleável, o monstruoso. Poseidão, Ulisses, Argos. Turbulência, redemoinhos, o fim do mundo. O mar parece abraçar um imaginário que deve, apara além das formas, estabelecer a fundação para os sonhos e para o poético. Porém, mais do que um convívio amistoso, o que se trava nas águas dinâmicas do oceano é uma guerra entre o homem e o mar.

Pretendo reduzir a viagem em que me proponho à apenas um texto, conseguindo assim aprofundar, com ajuda do poeta, ao máximo as brechas que o mar e seus súditos conseguem sugerir, no texto, o campo dessa batalha.

Escolhi o poema “A Mensagem” de Fernando Pessoa, pois conseguimos nele encontrar o mar que beira como uma sombra por sob todos os novos deuses e, no convívio enganador com a vasta alma de um povo, como uma nova morada, sugere o seu destino.

Utilizarei, para tal jornada, o caminho indicado Por Bachelard em seu livro A Água e os Sonhos. Esse pequeno ensaio sobre o imaginário da água ajuda a trajetória de maneira profunda. O mar percebido como uma força material, primitiva e eterna, como um germe encravado em que a forma é interna. (BACHELARD, 1998). Essa imaginação chamará Bachelard de imaginação material.

Acostumamo-nos a percorrer o texto poético como uma causa sentimental, uma causa do coração. Essa causa o filósofo identifica como a causa formal do poético. As causas

* Graduado Filosofia PUCRS. Mestrando Letras - Escrita Criativa

formais, para ele, seriam mais percíveis, um devir das superfícies (BACHELARD, 1998). Impossível separar as duas forças que atuam em um mesmo poema.

Como alerta Bachelard, utilizarei da poesia, pois essa canta a realidade, formando imagens que ultrapassam a realidade. O poeta faz do homem um super-homem ao ultrapassar a simples imagem que oferece. (BACHELARD,1998). Pessoa indica **esses** devaneios e corta a corda da âncora que enferruja ao fundo e leva o leitor e sua embarcação ao desconhecido das entrelinhas, como o mar violento leva o navegador ao além-mar.

Para Bachelard a presciência não é adquirida nos laboratórios, mas numa meditação solitária, em um conhecimento imediato dos elementos. A poesia traduz essa memória primeira, com suas metáforas e simbologias, permitindo uma contemplação vertical para decifrar as entranhas da realidade.

Ainda para o filósofo, a imaginação é sonoplasta (BACHELARD, 1998), sempre amplificando ou abafando. Escutar o ruído das águas no poético é perceber um contato passageiro cheio de uma fala ora doce ora violenta. Pessoa nos dirá para onde ir no seu “Mar Português”. Suas rimas podem ser suaves, mas levam, sem saber, para um futuro desejado, nesses mares já castigados.

A poesia serve como um oráculo: ela acena para o que ficou por ser dito, silencia para os que sabem escutar. A síntese poética, sua economia é tão perfeita, quando se estuda um poeta fundamental, que os ouvidos devem meditar sobre o rugir, o murmurar, o marulhar do que foi acenado, para além da forma. Como veremos depois, o próprio poeta acena para tal nas notas preliminares do poema. Imaginação material é um auxiliar que serve de base para as tais intuições e graça do que virá a ser a interpretação poética para Pessoa.

Bachelard, ainda em sua introdução, assume a carência de um estudo sobre essa causa material na filosofia estética. Mas para o filósofo francês a vista pode dar nomes, mas é a mão que conhece. (BACHELARD, 1998).

Bachelard, continua esse pensar quando, na introdução, cita D’annuzio em *Contemplation de La Mort* :

“Os acontecimentos mais ricos ocorrem em nós muito antes que a alma se aperceba deles. E, quando começamos a abrir os olhos

para o visível, há muito já estávamos aderentes ao invisível".
(BACHELARD, 1998, p.18)

O poético com suas simbologias e imagens resgatam o que o filósofo chama de impressões singulares, esse tantos insignificantes momentos que criam em nós mistérios familiares. As impressões gerais apenas ocultam essas inúmeras sensações e descobertas escondidas, liberadas por tantos raros símbolos. (BACHELARD, 1998). O símbolo sempre sugere algo, evoca. O símbolo funciona como um substituto. Entretanto, muitas vezes, substituí algo com certa parcimônia, certa timidez, porque não dizer, certo esquecimento: esquece o símbolo da possibilidade de uma só origem. A materialidade se resguarda para poder permanecer como uma fonte poderosa, incansável: uma fábrica de formas, e de beleza, assim como a forma fluida do elemento água, dinâmico.

O português de Pessoa não procurará a arvore da colina, ao habito que se afeiçoa do homem comum, ele enfrentará o terrível, o violento. Em pessoa não percebemos uma característica que encontramos expressa sobre as águas calmas em Bachelard: a pureza. Em pessoa o mar assume outras formas.

Na água, a vitória é mais rara alertará o filósofo, e nos oceanos essa raridade toma ares tempestuosos. (BACHELARD, 1998). O homem está a conquistar um elemento estranho. Porém, a superação do medo e a conquista dessa estranheza geram um orgulho saciante. Para o filósofo, não se faz psicologia com derrotas: o conhecimento do mundo se dá pela provocação, não pela passividade. Sempre, no projeto humano, o norte é a superação das adversidades. Sabemos que as águas que transcorrem no atlântico são longe de serem puras, mas um convite secreto e obscuro ao desaparecimento, às conquistas terríveis e ao desaparecimento: seja nos naufrágios, seja na terra distante, e o mar cúmplice na sua participação física.

A água sempre exige um habitar, convida o homem a seus mistérios. A violência das águas do oceano tem um apelo diferente: oferece como prêmio o próprio orgulho humano, sua imensidão misteriosa é um prato cheio para a vastidão projetada desse homem que brutaliza o real para vencê-lo. (BACHELARD)

É no final de seu ensaio que Bachelard fala dessa relação da água Violenta, como um tipo de cólera, o que o filosofo indica como sendo as águas dinâmicas: o mar furioso; o ódio e a fúria de deus. Pessoa assume essa tarefa através de seus símbolos, de seus sinais: ele adentra

o mundo das ondas violentas de coração, o membro mais oceânico de nossa imaginação corporal, ele anuncia um futuro de tristes conquistas, doloridas superações, e quase nada de tranqüilidade.

A imaginação material em Pessoa segue o rumo da imaginação dinâmica. A relação entre homem e as águas violentas se dá em uma guerra. Desde o primeiro contato os pais mostram a água aos filhos: medo e o enfrentamento, essa relação dúbia com o desconhecido, mas convidativo, ao contrário do fogo, clama por um habitar, mas amedronta. O medo e o rpazera já estão presentes no contato com o desconhecido. Só que logo percebemos meios como o de seguir boiando, ou ainda criando artefatos: nadamos e navegamos superando o pavor. Na grandiosidade das conquistas ultramarinas os mares são mais profundos, e o pai representado por um povo, um rei.

Pessoa, nas notas preliminares de A Mensagem, aponta um sinal: descreve como deve ser a atitude do intérprete dos símbolos. De forma plural sugere um tipo de abertura do leitor em relação ao poético para que haja uma verdadeira interpretação.

A interpretação é uma forma de ver, seria um ver que traduz, explica, compreende e avalia. Para que isso de dê o poeta aponta um caminho.

O leitor intérprete precisa de uma primeira qualidade a qual ele chamará de simpatia. Ele estipula estas características em níveis de simplicidade, pois funcionam todas juntas, num constructo. A simpatia impede atitudes que comprometeriam a leitura, como a atitude irônica, a cauta e a deslocada. De coração, o leitor curioso aceita a obra, tendo a curiosidade privilegiada sobre outros possíveis preconceitos. (PESSOA, 1995).

Como segunda qualidade Pessoa fala na intuição. A intuição pode ser auxiliada pela simpatia, mas não pode criá-la. A intuição seria um tipo de conhecimento que consegue enxergar além do símbolo. É uma espécie de ver sem que se veja, como diz o poeta. A intuição é um conhecimento imediato. A origem etimológica da palavra nos indica um caminho mais poético: a imagem refletida em um espelho. A intuição dá início ao jogo, avança para além do texto.

A terceira qualidade é a inteligência. Essa analisa e reconstrói o símbolo. Para isso, o poeta alerta que se precisa de simpatia e de intuição. Ele descarta a superioridade da inteligência como uma espécie de erudição, mas sim como o dom de relacionar no alto o que

está de acordo com a relação que está embaixo. (PESSOA, 1992). Seria uma qualidade analítica.

A quarta qualidade é a compreensão que, para o poeta, seria o conhecimento geral, a relação com outros símbolos que para ele tudo é o mesmo. Ele alerta que a compreensão é longe de ser erudição ou cultura, mas utiliza a palavra vida. Para o entendimento de certos símbolos é preciso que haja entendimento de símbolos diferentes.

A quinta qualidade ele indica como a menos definível: a graça. Também o poeta alerta que essa graça pode ter vários outros nomes como a mão do Superior Incógnito, conhecimento do Santo Anjo da Guarda.

Com atitude sugerida pelo poeta e com o acenar da imaginação dos elementos de Bachelard percorro as profundezas violentas do mar em que o poema habita. Mais do que convencer, procurarei agradar.

Na primeira parte da obra, o Brasão, cria-se a identidade portuguesa junto com a imagem do oceano grandioso. O mar é apenas fitado por um rosto que, com olhar esfíngico e fatal, mira um futuro já passado: uma herança e, como toda herança, desassociada com suas origens, meio vazia, grega. Esse rosto que fita é Portugal. O mar, no silêncio das linhas, aparece como o horizonte. Ele não está falado, mas é o que subjaz como um telos. E no fundo, ali onde a esfinge perscruta: o horizonte. O horizonte é ainda um mistério, vive em um olhar que ainda só examina: ainda está no limite do visível, onde ainda longe habitam os deuses.

Se o rosto que fita tem apoios em membros mais fortes como Inglaterra e Itália, é no olhar de Portugal que se dá o visionário, a beleza. Isso se transfigura em Os Castellos:

“Fita, com olha sphyngico e fatal,
O occidente, futuro passado.

O rosto com que fita é Portugal.”

Para Aristóteles, no início de sua metafísica, o filósofo identifica a visão como primeira tendência humana ao saber. É o início do descobrimento. Aristóteles já indicara que os homens têm o amor pelas sensações, e as amam por si mesmas, e acima de todas, amam a sensação da visão, pois ela nos proporciona mais conhecimento do que todas as outras sensações, pois faz aparecer numerosas diferenças. (REALE, 2002).

A imaginação é um tipo de visão, exercita os centros nervosos, faz as diferenças manterem-se na sua diferença: ela não cataloga, ao contrário, sugere uma multiplicidade de alternativas.

O rosto que é Portugal fita o quê? O horizonte, lá onde o mar une-se ao céu. Os deuses tocam o mar. Não existe mais obstáculo á vista. Entretanto, ao mesmo tempo, é o campo de visibilidade humano finito: o horizonte infinito é o seu limite. Ainda habita no imaginário desses ultramarinos a fúria dos mares como um deus irado.

No paradoxo do horizonte o homem se depara com o finito e o infinito. Portugal encontrar-se nessa fatalidade, nessa angústia indecifrável: acreditar para além de sua limitação ciente das suas dificuldades. O brasão representa essa continuidade em que não se pode mais respeitar nada, só a visão que se oferece no horizonte a sua frente: navegar para avançar.

O horizonte é o símbolo físico, material do projeto humano. Parte dele é o oceano violento. Nunca o horizonte representou tanto suas duas forças como nas tempestades: o céu revolta o mar. Mais que as diferenças, o olhar esfíngico perscruta a diferença total: a natureza assustadora do horizonte, o sem fim. Bachelar indica que esse projeto humano vive, energiza-se pela provocação. A passividade não parece enrijecer os nervos humanos. Somente o orgulho o faz: pelo enfrentar dessa provocação entramos na guerra contra o diferente. A esfinge analisa a guerra por vir, as conquistas.

O mar, na sua materialidade, no seu estar unido ao céu, aos deuses, cria o infinito no olhar finito dos homens, estipula um além no horizonte em que a visão morre: até ali eu sou, para além tenho que navegar. A inferioridade perante o tamanho e o alcance do mar provoca mais do que temeriza. Navegar é preciso, viver seria apenas acomodar-me nesse finito campo de visão. Precisa-se do barco que leva além. Ainda estamos no tempo dos deuses, não dos navegadores. Entretanto a substituição começa a se dar. O navegador redescobre que para depois do horizonte só existe o domínio dos homens. O mar adversário é como diz La Fourcade, um inimigo que preciso vencer. As ondas são como membros. Mas por enquanto, apenas perscruto, analiso seus movimentos.

Seguindo adiante, o Das Quinas, o poeta canta essas angústias:

“Os deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.

Ai dos felizes, porque são
Só o que passa.

Baste a quem baste o que lhe basta
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar. ”

O mar sugere junto com a Glória, a desgraça. É bom lembrar a sempre e eterna fúria de Poseidão: o deus dos mares, irmão de Zeus, comparsa dele para tantas revoltas. A segunda raça dos homens, segundo o mito, surge após a destruição da terra pelas ondas do mar, ordens de Zeus, executado por Poseidon.

Sem o seu sono, talvez, ainda não tivéssemos recebido o retorno de Ulisses. Jasão, com seu Argo, começou essa relação violenta entre homem e o mar. Uma relação sempre tumultuada.

Mais que um corpo adversário, o mar é um meio dinâmico. Os portugueses seguiram o último caminho dos homens: estudaram o meio, percorreram seu dinamismo como uma dádiva provocativa; sabendo de sua irmã a desgraça, adentraram os mares para findar uma era de deuses. Para bachelard () as águas violentas apresentam uma ambivalência de uma luta de vitórias e derrotas: a clássica ambivalência da dor e alegria. A alma sofre nas coisas, como afirma bachelard.

A representação do mundo, quando obstáculo, desvela-se um mal necessário. Os navegadores começaram, na materialidade, o processo iluminista da objetificação do mundo ao enfrentar o oceano furioso. Assim como as crianças descobrindo o eterno embate do corpo com as ondas, do corpo com o repuxo, verificando, com seu raciocínio lento, as formas de sobrepor-se ao sempre outro, violento, obstáculo, para vencê-lo.

O mesmo caminho do mar furioso, violento, se depara o português com seu destino, sua situação: com os pés no areal ele percebe o que não vê, adentra para buscar a glória ciente em comprar a desgraça como sendo uma oferenda silenciosa. Da margem, já alerta o filósofo, a provocação é mais fácil, porém mais eloquente. Imagina-se! A lembrança dos olhos gregos é constante, como canta o poeta, sabem os portugueses de sua herança. E no mito anônimo já a imagem da luta.

É sobre a infelicidade e o sofrimento que fala Pessoa: da origem do fim dos mistérios. Herdeiro do grego sabe da visão que impulsiona o ocidente como uma explosão: o horizonte abraçado como um limite ultrapassável, percurso iniciado por Jasão. Cabe ao português, ciente da vida breve, fazer jus a vasta alma. Subjacente sob esse impulso está o mar violento: um obstáculo de braços estranhos, beijos gelados. Existe algo de masoquista na luta com o mar: a flagelação, para Bachelard, é uma condição de gozo. A glória estipula o alto do pódio, a flagelação se dá como uma sequencia de felicidade excessiva. (BACHELARD)

Sofrer é navegar. Navegar é viver. Viver é sofrer. Sábio das artimanhas dos deuses arrisca-se para o horizonte. Não aceita a paz da visão restrita. É fácil compreender a razão de um povo na faixa de um areal visando o desconhecido. Basta pararmos solitários na beira do mar, as ondas e o repuxo são convidativos, clamam. A água salga, ao mesmo tempo amacia com o atrito: mãos-ondas acariciam o homem num duelo constante de forças. O “gosto do mar, o beijo das ondas é amargo e fresco”, cantava Swinbourne. (Bachelard). Tudo, entretanto, ilusão: entregar-se completo é um risco. As ondas beijam e calam e a vontade surge em deixar-se, mesmo que por alguns minutos, levar-se e seguir abraçado às forças que conduzem ao além, ao desconhecido. E dessa forma, nos acidentes individuais, nessa relação física do descomunal convidativo e cheio de impossibilidades, nessa ambivalência dramática que se desvenda o bem e o mal, a dor e o prazer, unidos como a mesma coisa.

Vale lembrar que Heráclito, em seu ideal de viver segunda a natureza, afirmava que os contrários são o mesmo: não idênticos, mas não essencialmente distintos. Existe um jogo de substituição, mas sempre o provocativo. Por que citar aqui Heráclito? Pois o mesmo acenava que todas as coisas estavam a fluir. A água, para Bachelard é a senhora da linguagem fluida, da linguagem contínua que proporciona a uma matéria uniforme ritmos diferentes. (BACHELARD). Isso nós já observávamos nos pré-socráticos, os mais primordiais, filósofos da matéria. Apesar de ter o fogo como elemento arquetipo, foi Heráclito que utilizou a metáfora da água como símbolo da mudança. E o mesmo em um de seus obscuros pensamentos citou o mar:

“ A água do mar é a mais pura e a mais poluída; para os peixes é potável e salutar, mas para o homem impotável e deletéria.” (KIRK,

Essa afirmação por mais singela que seja indica o problema do mar e do homem, sua abundância aparente e sua negação obscura. O marujo, o Ulisses moderno, esse novo deus o navegador, enfrentava essa contradição, esse mesmo de oferta e cobrança na sua aventura além-mar. Qualquer um de nós já teve a vontade de homem urbano de beber o oceano azul e límpido, de deixar-se flutuar sem fim na tarde rosada de um verão por vir. Não pensaria então na sua insalubridade, na sua revolta: impróprio à nossa sede. E por essa injustiça natural, sua conquista é fundamental para a sobrevivência da nova raça.

Em realidade, presente-se, mesmo que oculto, um futuro perturbador, provocativo no convite á guerra oferecido pela ira do oceano, sua estranheza. As ondas são um sussurrar constante, de força adormecida. Assim um povo deixou-se seguir rumo ao novo mundo. Seguiu o marulho das ondas. Mas o poeta alerta que melhor seria saber o que basta. Mas a alma é vasta, a ação tarda, o desejo parece distrair o destino e alarga a vida. E o horizonte que sempre se opõe, mesmo ultrapassado pouco a pouco, torna-se um sempre mesmo.

O mar simboliza esse repuxo ao desconhecido, que sobre si próprio cai. O limite parece repetir-se. Porém se projeta uma novidade: ondas nunca mesmas moldam o areal de forma incerta. A Alma é vasta é uma frase belíssima. Temos com etimologia da palavra vasta: vazio, devastado, desertado... Ao ler sobre tamanha falta, é como deixar-se levar pelo repuxo do mar, seu redemoinho com braços e redes, preenchendo o vazio com o infinito: o mar e o céu, unidos, os deuses antigos e mortos tornam-se esse vazio português, preenchendo-o com a sua conquista. O vazio torna-se a vitória, avança no espaço.

No jogo de conquista do mar, iludo-se com o preenchimento da alma desértica, sempre querendo, sempre tardando um finito ser. O ter humano aparenta uma falsa vitória de uma longa batalha: tarda o estar vivo. Hoje os transatlânticos percorrem serenos o tumultuado inimigo, e a fúria totalmente dominada a ponto de virar um terror controlável. O mar conquistado poderá resistir ao seu imaginário? Parece caber ao literário a permanência dessa chama antiga do mar desconhecido e violento.

Em Ulysses, o primeiro canto Dos Castellos, o mar é matéria tenebrosa, pura fúria e, ao mesmo tempo, palco e condição de aventura. O mar é um deus, o mar acompanha o semideus Ulisses: das desventuras ao isolamento, do isolamento a pátria, aos braços de Penélope. O mar para os gregos era Poseidon, deus colérico, temperamental. Já no mito estipulado o arquétipo da batalha. O poeta português canta que o mytho é o nada que é tudo. O anonimato do mito evoca a generalidade de ações singulares. Não seria Ulysses o primeiro

português se não fosse o desespero do mar que o levou longe, ao desconhecido. O mar liga e expande o ocidente na sua fúria. A herança carrega o estigma do ódio que afastou o filho para terras desconhecidas. Fica no ar a dúvida se na batalha restaram apenas dores, mas a glória do novo povo que surgia.

Importante seria voltar às linhas quando o poeta canta:

“Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade.
E a fecunda-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.”

A lenda parece fraternizar com o elemento aquoso ao escorrer, ao decorrer. A água funciona como uma incontável força que a tudo consome, como a própria realidade por ele submersa e por ele fecundada. Substituída pela lenda, pelo inexistente, submersa, a realidade deixa levar-se, assim como o deixa o marujo ao mar, como se permite Ulisses em terras distantes findar. E como se a lenda, o mar que a trás, sobrepõe-se ao verdadeiro, dando uma força sobrenatural, matando a realidade. Sem o mito não haveria Portugal.

O mito de Ulysses pressupõe o mar, essa visão de quem jaz no areal e avista o horizonte, casamento de mar e céu. Ulysses é um dos primeiros marujos, o astuto, aquele que consegue enfrentar todas as armadilhas marítimas. Não só as físicas, mas as mitológicas, como a das sereias. No momento que o mar transfere o homem, marujo, navegador para o campo do desconhecido, do outro, ele permite a própria criação das aventuras. O mar é um berço esplendido da literatura. Portugal, abençoado pelo oceano atlântico, criou-se como um povo mitológico. O poeta canta sua farsa. A farsa que o impulsionou, a farsa que sobre a farsa se fundamentou. Da singularidade da luta do homem e o oceano, surgiram todas as paixões. O tempestuoso fecundou um povo.

O horizonte, aqui como o misterioso e monstruoso, que torna tudo menor com sua grandeza, é nesse horizonte que canta Heráclito, cheio de uma paradoxal contradição interna: a água impotável, que convida ao destino incerto, à morte, da vontade de beber. Elemento estranho tendo o salgado como uma arma. Para o Oceano o sal funciona como nossos canhões: é bélico.

É desse Mar que canta pessoa mais adiantes em D. João Infante de Portugal:

Porque é do português, pae de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita –

O todo, ou o seu nada.

Aqui o mar transfigura-se na sua materialidade violenta: exhibi-se como um todo, como um deus. E na sua estranheza, como anteriormente já foi cantado, traz a desgraça da inconsistência, a estranheza física de sua composição, de seu tamanho, de sua brutalidade desejada. Porém já não pode haver outro deus, ao que aprece, mas esse novo navegador: ele precisa conquistar o todo.

O horizonte oferece essa projeção em sua maioridade, em sua imagem de um forte repuxo, necessário para livrar o homem do limite do areal, do pó da terra, por onde se caminha na labuta. O mar, mesmo que traiçoeiro e difícil, exige uma nau, um barco, um artifício: uma aventura par além dessa orla vã. A violência do mar impulsionou a técnica humana a projetar-se para dominá-lo. A orla vã, esse nada passivo, oco, o vazio como a alma pequena que não se projeta na incerteza da dúbia condição de prazer e dor, reflete o atraso, a negação, a derrota, uma calma triste demais. Só o navegar o mar furioso que salva a alma desse vazio, desse nada que assombra o homem menor frente ao todo violento dos mares. Mais que amplos, o português, pai, herdeiro dos mares, quer o todo dos oceanos: desvendar seu mistério total.

Em Dom Sebastião, O Desejado, o Encoberto, O Adormecido, personagem magnífico e de um imaginário que o torna parte da alma portuguesa fraturada pelas perdas na luta com a violência dos mares, começa pessoa a cantar:

“Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.
Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver addiado que procria?

Ulisses retornou para contar suas aventuras, o mar o fez um filho feliz, astuto; D. Sebastião não se arrepende de seu nunca retornar, e, o mar, misterioso, traiçoeiro é o fundamento da desgraça, mas de uma desgraça aventureira que permite um destino incerto, um desvio à condição humana do cadáver adiado, esse sim fonte de outro tipo de loucura. Enfrentar, mesmo sem sucesso, o provocativo do canto das ondas coléricas é mais glorioso que a orla vã das almas fracas. O trauma do medo das águas é um trauma doloroso. Vencê-la é necessário para enfrentar o mundo.

O mar na sua impossível travessia, no seu tamanho, na sua insalubridade, materialmente superior, trás o marginal como destino, resgata o aventureiro sujo e errante como promessa. A materialidade traiçoeira acena para o impossível. A loucura passa ser o não navegar. A terra, o areal, o sólido e constante, a firmeza, a segurança, tudo passa a ser algo distante, vazio, pois já não provoca. Como se em uma dialética do ser, essa fase terrestre estivesse superada, e abre-se o mar em uma nova etapa.

Na segunda parte que o poeta canta algo que aponta para uma materialidade até então oculta, mas presente:

“ Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praia e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o Longe, e o Sul siderio
Splendia sobre as naus da iniciação.”

O mar aparece como anterior ao homem, como um berço, mas é o homem que com suas naus desvenda isso que ele aponta como imagem material profunda. O navegar, assim como a linguagem, parece penetrar no misterioso o tornando conhecido. Existe o medo que a provocação dos mares violentos apresenta. O Longe, que deveria manter-se como mistério, o horizonte, palco onde os deuses duelam, virou conhecimento: a flor que se abriu mostrando-se inteira, completa, acabada, pronta para fenecer depois de uma materialidade final. E o próprio céu refestelava-se com as naus portuguesas. Além do mar, é do céu e suas direções estelares, sua matemática empírica que comemorava o domínio do mar.

“ O sonho é ver as formas invisíveis
Da distancia imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A arvores, a praia, a flor, a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da verdade. “

O mar deixa de triunfar quando permite no dominar de sua fúria, o alcançar a verdade, a realidade visível, não mais imaginável e mítica, e retornam, mesmo que diferentes, as mesmas arvores, flores, aves e fontes: a calmaria e a segurança da orla vã. A linha fria do horizonte, onde não mais que o infinito do mar furioso existe, na possibilidade do descomunal incerto: fica todo o conhecido banhado por ondas do imaginário. Esperança e vontade unidas,

provocadas pela fúria e pelo obstáculo de seu corpo abissal, parecem manter um sonho, um projeto de conquista para além da realidade. O poeta parece cantar um mar imaginário, ainda não conquistado, como um ideal de felicidade, já que sonhos invisíveis.

Para tanto, aparece no canto do poeta um guardião, um monstrengo, na escuridão, no fim do mar, no além:

“ O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou trez vezes,
Voou trez vezes a chiar.
E disse, “Quem é que ousa entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros sem fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo,
El-Rei D. João Segundo! ”

A ordem humana-real impulsiona o homem para o obscuro, para o fim do mundo, que agora se apresenta como seu. Até mesmo o rei das cavernas escuras no fim desse mar violento é agora do homem. Lá, no horizonte que ousou entrar, está o mistério, o breu escuro das possibilidades que desvela até a exaustão por ordens do novo rei do mundo. O homem percebia a sua técnica capaz de vencer a natureza violenta. O monstrengo mais assustador é enfrentado, o breu no fim do mundo é conquistado, enfrentado: descoberto, desvelado: a verdade é portuguesa. E pergunto-me: a dês-imaginação do mar, onde nos levou? Hoje navegamos na internet, surfamos as ondas virtuais. As distâncias assustadoras são percorridas na cadeira confortável das casas. Mesmo que monstrenços tendem a aparece de formas morais, éticas, a distância, essa que o oceano sobrepõe, ela mesma deixou de existir fisicamente. Mas pergunto-me se deixou de existir metafisicamente.

Ao estipular o poeta sobre o fim do mundo, ao pensar nessa distância absurda, temerosa, onde habita o tal monstrengo, pensa o poeta no próprio fim das distâncias. Já alerta ao início das comunicações, de uma aproximação relativa. Ao vencer o monstrengo do fim do mundo, o homem venceu as distâncias, venceu a imagem do mar, da sua insalubridade proposital, de sua revolta original, como impedimento e força de resguardo das lonjuras, e abreviou o caminho, aproximou na sua ganância de conquista, enxugando o mundo. Pensar as distâncias é envolver-se com os mares, com sua fúria, com seus mitos. As naus aproximaram povos, atravessando mares, multiplicando os limites do horizonte ao passo que avançavam conquistando monstrenços. A verdade de sua identidade: flores, areal, seres (escravos ou

não), eram a certeza mórbida que ainda éramos nós e não o monstrengo. O mar possibilitou o desvelar incessante das coisas mesmas até o fim do mundo, até o fim das incertezas. O próprio homem substituiu o mar como infinito, como horizonte indeterminando por uma cartografia, por cálculos e milhas: suas crateras, sua imensidão perdenram um terreno mítico. A partir das descobertas, na morte do monstrengo, o horizonte passou a ser o homem, não mais o casamento dos deuses com o mar. O duelo apresentou-se encerrado. A fúria dos mares controlada; o monstrengo recebendo as ordens do rei. O mar mostrou-se menor que sua grandiosidade, reduziu-se aos parâmetros humanos.

Para finalizar, chegamos ao próprio Mar Português, décimo canto da segunda parte:

“Ó mar salgado, quanto teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar para além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele que espelhou o céu!

O mar, como representante da natureza, da força obscura, incontável, já se mescla com a nova força, a nova potência que consome e extrai: as lágrimas dos homens. Isso se dá na luta do obscuro e furioso mar com o homem, como em uma guerra. Aqui o espírito é de guerra: a desgraça como parte dessa conquista, o sofrimento é parte desse povo, e parte da história do mar. O masoquismo, humano representado pela imagem das águas dinâmicas do mar, desde seus primeiros passos, demonstraram como é profunda a relação do homem e do mar, e como a mesma tomou rumos tristes no seu desvendar. O medo foi substituído por certezas. Essas certezas indicam uma fragilidade dos Deuses, do deus dos mares. A morte do monstrengo anunciava a invasão dos mares, de sua usurpação.

Parece, agora, que o mar foi vencido, poluído, abusamos de sua fúria, dominamos sua insalubridade, sugamos esse sal. As lágrimas de Portugal agora viraram o saciar de uma fome sem limites. O poeta fala que tudo vale a pena, se a tal alma não é pequena, mas, parece-me, que a alma foi encolhendo, e cada vez encolhe mais. Pessoa tinha um otimismo, achando existir esse além da dor. Mas a dor é tamanha, a dor do mar, de sua história de violência, fúria

e mitos, que se não fosse a ficção, a vontade essa que vai além da dor, essa alma que é grande, de alguns, já haveria de morrer junto com o mar, toda sua história.

O sujeito absoluto agora é o homem, o mar virou mero objeto, não mais um monstro inimigo, mas um objeto para ser conhecido, controlado. Lembra o poeta que o perigo e o abismo Deus a ele deu, e nele espelhou o céu. E esquece o homem de suas emoções, tão parecidas como ondas; esquece o homem das grandes vagas de desassossego; esquece o homem das grandes enchentes; esquece que para além desse céu espelhado existem as profundezas do desconhecido, de seres a serem ainda descobertos, misteriosos e singulares: as profundezas do mar são nossa última riqueza. Enquanto isso as naus avançam para outras galáxias, enquanto o homem está feliz de seguir mirando-se no espelhar dos mares calmos.

Segue pessoa a dizer

Senhor, a noite veio e a alma é vil
Tanto foi a tormenta e a vontade!
Resta-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Que saudade é essa que canta o poeta? Ela está unida ao mar, ao desconhecido. A vontade humana, na guerra com a imagem dos mares revoltos, na guerra constante com o abismo sugerido pelo horizonte, tornou-se um silêncio hostil: o mar conquistado, mas ainda inimigo.

Bachelard aponta que a verdadeira calma conquistada é a sobre si mesmo. A calma conquistada contra a cólera impõe uma calma ao adversário. Não existe epopéia sem uma tormenta: o imaginário português vive dessa tormenta, a mesma que não lhe trouxe de volta o Encoberto: D. Sebastião. Existe uma lembrança nostálgica no silêncio da calmaria. A nau parece próxima novamente à alma vasta, agora vil e novamente vazia.

A distância tornou-se próxima: o impedimento, rei Poseidão, furioso, conquistado e desvendado. A glória cantada anteriormente tem essa sensação nostálgica, triste. Bachelard cita Chateaubriand quando o mesmo fala que os nobres pensamentos nascem de nobres espetáculos. E o português presenciou o mar universal como um grande adversário, agora conquistado. Saudade para além do tédio das conquistas, do desânimo da morte do divino. Universal, o mar agora tem regras humanas, responde ao funcionamento da matemática geral do humano.

Como um sopro, resta a ânsia, quando canta o poeta:

“Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância –
Do mar ou outra, mas que seja nossa!”

Pessoa segue além de sua época, sua esfinge consegue mergulhar para além do velho mundo. O corpo do ser mitológico desmancha-se no sangue dos homens. O homem, inflado no pronome pessoal que finda o poema, desvenda um destino de conquistas, finda uma era dos mares mitológicos. Vence o homem a batalha com as águas violentas. As distâncias são, aos poucos, no drama humano, conquistadas. Para Bachelard as águas violentas, como meio aquático, chama como uma pátria e exige essa conquista, provoca o homem. Bachelard cita uma carta onde Swinburne escreve que nunca conseguiu estar sobre as águas, sem desejar estar dentro dela.

O português seguiu o passo maior: a chance de dominar o mar, seus perigos, seus mistérios. A água, o oceano, cria um impedimento, fazendo o homem crescer no desespero de sua inutilidade. O esforço sempre se remoçará, projetado sempre; e se provocado ainda melhor. A imagem da distância, no caso o horizonte, em sua forma primordial, criou um mundo outro em que ainda vivem fantasmas, mesmo que a distância tenha sucumbido a lembrança desses monstros multiplicam-se como um sopro.

O aproximar-se nunca bastou ao humano, já sabia o poeta que haveria outras conquistas por vir. Hoje vivemos na conquista dos ares. Claro, são outros os herdeiros de Jasão no mundo do ar. O mar violento segue sua natural tensão, impõe-se ao homem, às crianças. Seu repuxo continua assustador e temeroso. Mas nossa abstração conseguiu superá-lo na sua totalidade absoluta, na sua divindade aparente. Resta, agora, longe de ser portuguesa, a provocação da força gravitacional a manter a ânsia humana como um sopro para outras direções. A esfinge olha ao alto, já que sobre os mares não enxerga mais mistério algum.

Referências

- BACHELARD, Gastón. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Holderlin*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
KIRK, G.S. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

REALE, Giovanni. *Metafísica de Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 2002.

RILKE, R.Maria. *Elegias de Duíno*. São Paulo: Globo, 1984

Recebido em fevereiro de 2012.

Aceito em maio de 2012.

Contato: dctravel@dctravel.com.br